

Editorial Contemporânea (jan-abr/2020)

Em meio a um período tão singular e conturbado de nossa história, marcado por ataques à ciência e ao conhecimento produzidos nas universidades brasileiras, temos a honra de lançar a nova edição da Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura. O número apresenta uma diversidade de temáticas, expressadas em artigos que vão da música no cinema da metade do Século XX a um dos movimentos mais marcantes do Século XXI, o ciberativismo, mas todos perpassados pela construção de narrativas.

No primeiro artigo, Luíza Beatriz Alvim analisa o que perpassa a construção musical para o cinema em três filmes de Jacques Demy entre 1950 e 1960. Nesse sentido, a pesquisadora explora a associação entre tecidos orquestrais - desde composições clássicas de Johann Sebastian Bach e Beethoven àquelas mais contemporâneas de Michel Legrand - e imagens.

Em seguida, a edição traz uma proposta de tipologia de hipertexto jornalístico realizada por Alciane Nolibos Baccin, que reconhece haver distinções significativas nesse tipo específico de construção narrativa. A exploração dessas novas modalidades, segundo a autora, pode permitir que o jornalismo fortaleça sua credibilidade, a partir da conexão que se pode realizar entre leitor e fontes das informações utilizadas nas matérias.

O artigo de Ferreira Junior, Kabuenge e Costa, intitulado “Composição da intriga na narrativização de acontecimentos violentos”, analisa as narrativas jornalísticas acerca de atos violentos, a partir do conceito de tríplice, de Paul Ricoeur. Os autores identificam em sua análise as disputas que cercam esse gênero, o que leva algumas dessas notícias a se tornarem parte de uma experiência coletiva, social.

No texto “A TV que não vê: uma análise sobre a representação trans nas reportagens locais da Rede Globo”, Regiane Regina Ribeiro e Eleonora Camargo Mendonça analisam as formas de representação de transexuais e travestis em matérias jornalísticas do referido grupo de comunicação. A base teórica utilizada pelas pesquisadoras são os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero, a partir de cuja aplicação elas identificam representações marginalizadas daqueles grupos sociais.

Arthur Carlos Franco Oliveira e Hertz Wendel De Camargo, em seu artigo “The hero of time: a propagação de conteúdos míticos em The Legend of Zelda: Ocarina of Time”,

analisam a partir do conceito de “mito” como é construída a narrativa do jogo eletrônico que intitula o texto, a saber, a jornada do herói. Conclui-se, portanto, que essa temática não ficou na Antiguidade, mas, pelo contrário, perpassa todo o imaginário contemporâneo de produtos midiáticos, em que a jornada do herói parece ser lugar-comum. Essa é uma afirmativa que se pode fazer também com base no texto seguinte nesta edição: “Apropriações da jornada do herói em Game of Thrones: uma análise do personagem Jaime Lannister”. Neste caso, Miriam de Souza Rossini e Kellen do Carmo Xavier analisam a trajetória de uma personagem de série televisiva, a fim de identificar os modos de construção de seu arco narrativo, utilizando-se da investigação de aspectos da linguagem audiovisual em nove episódios da referida produção, que revelam rupturas e continuidades na construção da personalidade do Lannister.

Os dois últimos artigos que compõem esta edição abordam dinâmicas políticas contemporâneas. No primeiro deles, “As Imagens de Dilma Rousseff da ditadura civil-militar ao impedimento”, Ana Carolina Lima Santos analisa em fotografias o processo de transmutação de Dilma Rousseff enquanto personagem política em diferentes temporalidades. Já Maria do Socorro Furtado Veloso e John Willian Lopes, no texto intitulado “Excursões ao Ciberativismo: Uma análise de compreensões conceituais e tipológicas”, buscam uma compreensão sistemática do que é o ativismo digital. A partir de uma construção teórica baseada na investigação bibliográfica sobre a temática, os autores defendem que o conceito tem abarcado tanto práticas emancipatórias quanto apreensoras, devido a similaridades na construção das manifestações, independentemente da pauta defendida.

Percebe-se a partir deste número que a pesquisa no campo da Comunicação, mesmo que siga diferentes temáticas, sempre estará conectada à construção de narrativas, que estabelecem o lugar dos atores no mundo, seja ele real ou fictício, condicionando as dinâmicas coletivas que os envolvem.

Desejamos uma boa leitura a todas e todos!

As Editoras.